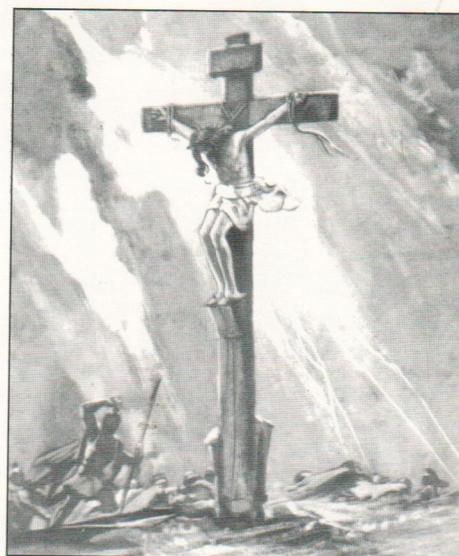


Jesus e os animais

Qual o último animal que Jesus viu e o serviu em sua vida? Antes de responder, vale lembrar que Jesus veio ao mundo entre os animais. Segundo a tradição, ele nasce num estábulo, um lar de animais, e não numa casa de humanos. Além dos pais, os primeiros a vê-lo e acolhê-lo são os animais domésticos, o burro e o boi segundo a tradição do presépio. E esse Pão Celeste será colocado numa mangedoura, onde os animais comem capim e ração. Logo, os humanos apresentam-se acompanhados de animais, pois é aos que guardam ovelhas no campo, que os anjos anunciam uma nova era de salvação.

Ao longo de sua vida, Jesus cotejará e mencionará os animais com muita frequência: aves do céu, peixes, cães, bois, gafanhotos, raposas, leões, camelos, galos, serpentes, baleias, porcos, burrinhos, águias e galinhas. E é com estas que ele se identificará e não com as águias: "Jerusalém... Quantas vezes eu quis reunir teus filhos como a galinha reúne seus pintinhos" (Mt 23,37; Lc 13,34). E lembrando os cães, a mulher siro-fenícia o comoverá: "os cachorrinhos, sob a mesa, comem as migalhas dos filhos" (Mc 7,28).

Qual, então, o último animal que Jesus vê e que o serve? A esponja. Esse animal surge num momento dramático, em sua hora final. Ele intermedia um gesto de compaixão daqueles que deviam reconhecer em Jesus, por serem soldados, a bravura, o sofrimento e sua humanidade. Esse estranho animal porífero está intimamente associado à agonia de Jesus, num relato cheio de simbolismos. "Há ali um vaso cheio de vinagre. Então, uma esponja é fixada ao hissopo; aproximam-na de sua boca. Quando Jesus toma o vinagre, ele diz: 'Está consumado'. Ele inclina a cabeça e entrega o sopro" (Jo 19,29-30). Entrega o espírito para quem? Para o Pai, certamente. E para todos nós.



A Bíblia Sagrada - Novo Testamento

O vinagre

Como as talhas em Caná da Galiléia, o vaso está cheio, desta vez de vinagre. Que vinagre é esse e o que faz ali?

Assim como há dois mil anos atrás as esponjas não eram de plástico, ali o vinagre também era outra coisa. Tratava-se de uma bebida tradicional, a *posca* dos soldados romanos: vinho acre misturado à água. É uma espécie de refrigerante, muito utilizado na região mediterrânea para aliviar a sede e desalterar. Durante o verão, na colheita do feno no sul da França, bebi com frequência esse refresco tradicional dos agricultores meridionais: uma bebida acidulada feita com um pouco de vinho acre, misturado à água.

Ainda hoje no Brasil, pessoas de origem portuguesa, espanhola ou italiana, apreciam e usam como vinagre o vinho que azedou. Esse vinagre pouco tem a ver com o ácido acético, destilado e refinado, que caracteriza o vendido em supermercados e usado na maioria das casas.

Se os soldados sentiam sede pelo esforço da caminhada, no calor primaveril de uma região semi-árida, o que dizer de um supliciado desidratado, que perdeu sangue, urina e suor? Os soldados ou os "presentes", num ato de compaixão, compartilhem com Jesus sua bebida.

"Tenho sede", diz Jesus. Ele já havia dito o mesmo para a samaritana. A água pede de beber. A água viva pede nosso silêncio, nossa atenção, nossa escuta. O prazer mórbido vê somente nesse episódio mais um ato de crueldade contra Jesus da parte dos chefes e soldados (Lc 33,36), enquanto o povo apenas olha. É possível, dada as adequações feitas pela redação tardias dos evangelhos. Mas cruel mesmo é seguir

lendo o texto, fora de contexto. Como levar o refresco até a boca do crucificado? Quem intermedia e viabiliza esse derradeiro ato de humanidade é a esponja, atada a um caniço de hissopo. Por que o hissopo?

O hissopo

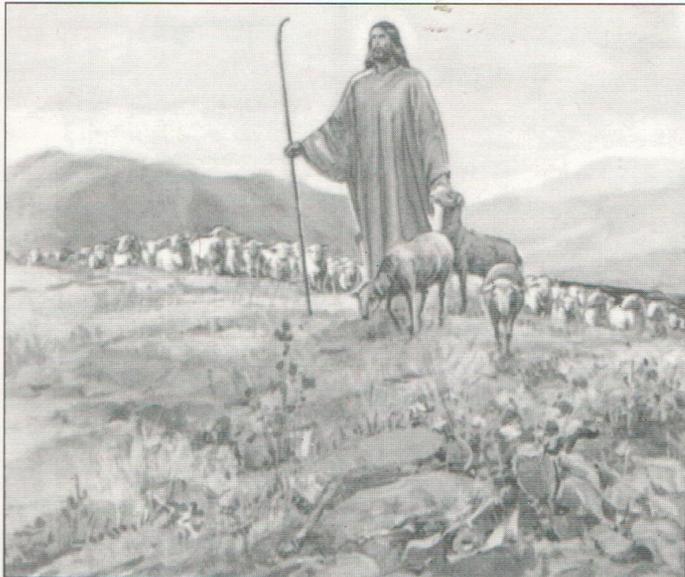
Hissopo: em grego *hyssópos*, em hebraico *êzob*. Esse nome também é dado ao objeto que nos dias de hoje os sacerdotes e ministros católicos utilizam para aspergir água benta. Por que? O hissopo é uma planta aromática do tipo de mangerona (*Majorana syriaca*), um arbusto de hastes retas, de cerca de 50 cm de altura, de flores vermelhas ou azuis que cresce em terrenos rochosos ou ruínas (1Rs 5,13; Ex 12,22; Nm 19,6). Ele era utilizado para aspergir o sangue sobre o altar do sacrifício, ou ainda para aspergir a água destinada às purificações (Ex 19,6). “Tira o meu pecado com o hissopo e estarei puro; lava-me e serei mais branco do que a neve” (Sl 51,9). É com o hissopo, molhado no sangue da bacia do sacrifício do cordeiro, que Moisés recomenda aos seus anciãos de marcar as duas ombreiras da porta para proteger e libertar as casas dos hebreus da morte dos primogênitos (Ex 12,22-26). Atado à cruz do hissopo da salvação, vai um animal, a esponja.

A esponja

Pessoas mais velhas lembram a verdadeira esponja, que alguns ainda utilizam para o banho. Na maioria das casas, o animal original foi substituído pelas esponjas de plástico.

A esponja serve os humanos permitindo o transporte simples, prático e seguro de pequenas quantidades de líquido para diversas finalidades. A esponja que vem a Jesus, oferecendo-lhe seu derradeiro alimento, foi coletada no Mar Mediterrâneo e era provavelmente uma *Euspongia officinalis*. Citada no texto bíblico e no Talmud, a tradição judaica recorre com frequência aos simbolismos da esponja, que

A Bíblia Sagrada - Novo Testamento



como o camelo, absorve água para atravessar desertos. Três merecem destaque.

Primeiro: não é simples, nem fácil, matar uma esponja. Uma das coisas mais extraordinárias desse metazoário pré-cambriano, é ser capaz de regenerar-se a partir de suas células, mesmo se dissociadas uma das outras. Uma esponja pode ser cortada em pedaços, moída e passada por uma peneira finíssima de seda. As células separadas numa espécie de sopa fina voltam a reagrupar-se e dão origem a novas esponjas. Quem pensa matar a esponja, na realidade, muitas vezes a multiplica e faz crescer. Os cientistas chamam essa estranha capacidade de embriogênese somática, e seus vínculos simbólicos com a paixão e ressurreição de Jesus não são frutos do acaso.

Segundo: a massa do pão, com suas bolhas, é como uma esponja. A palavra esponja é de origem semítica. Em aramaico, a palavra *ispog* significa um pão ou bolo esponjoso, poroso. A raiz *spg*, pronunciada, lembra de forma onomatopáica o sorver. Essa raiz deu origem a palavras como esponja e champignon (*spg-non*) e aplica-se a qualquer material que embeba-se facilmente, como a lã. Nesse sentido, o *spongos* do grego evangélico poderia ser entendido como os pães da proposição no *targum* do Êxodo (29,3) que apresenta a sagração dos sacerdotes e do sumo sacerdote: “... tomarás uma bola de pão, um bolo de pão embebido de azeite...”. Ao morrer sobre a cruz Jesus destrói o Templo e o reconstrói em três dias. Instituído como sumo sacerdote, “entrou uma vez para sempre no santuário e obteve uma libertação definitiva” (Hb 9,12). É seu próprio sangue que unge-o da orelha ao polegar. Não se trata mais de um pão embebido em azeite apresentado no sacrifício, mas de uma esponja embebida em vinagre, de um corpo embebido em sangue.

Terceiro: esponja e pão da vida eterna. Viva, a esponja seleciona suas trocas com o meio ambiente. Morta, absorve e elimina com facilidade e por capilaridade, tudo que troca com seu meio ambiente, passivamente. Morto, Jesus absorve os pecados dos homens. Passa a esponja em nossas dívidas, no passado e no passivo da humanidade. Ressuscitado, com sua capacidade analógica de embriogênese somática, apesar de dissociado pela morte, revive uma misteriosa transmutação de esponja em pão, de vinagre em azeite. Após a ressurreição ele torna-se, ele mesmo, pão impregnado de azeite, o pão da vida.

Os animais são um espelho para a vida espiritual e psíquica do homem. Por isso Deus os fez desfilar diante de Adão (Gn 2,19). Ele quer que esse Homem - que nós somos - tome consciência de sua identidade, sob todos os aspectos. Em todos os animais bíblicos existe um tesouro espiritual escondido.

Evaristo Eduardo de Miranda
é Doutor em ecologia, pesquisador da Embrapa,
autor do livro *Sábio Fariseus - Reparar uma*
Injustiça pelas Ed. Loyola.